

ELIZABETH RODRIGUES DA COSTA E GABRIELA ROMEU

Copyright do texto © 2013 by Elizabeth Rodrigues da Costa e Gabriela Romeu
Copyright das ilustrações © 2013 by Marilda Castanha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Preparação
Beatriz Antunes

Revisão
Ana Luiza Couto
Viviane T. Mendes
Renata Favareto Callari

Tratamento de imagem
Simone R. Ponçano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Elizabeth Rodrigues da
Tutu-Moringa : história que tataravó contou
/ Elizabeth Rodrigues da Costa, Gabriela Romeu ;
[ilustrações Marilda Castanha]. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letrinhas, 2013.

ISBN 978-85-7406-599-1

1. Literatura infantojuvenil. I. Romeu, Gabriela.
II. Castanha, Marilda. III. Título.

13-06437 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

TUTU-MORINGA

HISTÓRIA QUE TATARAVÓ CONTOU

Ilustrado por
MARILDA CASTANHA





Para Clarice, companheira pelas noites cheias de tutus e histórias.

GABRIELA ROMEU

O Tutu-Moringa queria levar Júlia, mas ela sempre soube como enganá-lo e até inventou uma musiquinha para que ele encontrasse os filhinhos roubados pelos portugueses. Dedico este livro para Júlia e os irmãos, Miguel e Iyá, pois também foram encantados com o Tutu-Boi — Boi da Cara Preta.

ELIZABETH RODRIGUES DA COSTA

PALAVRA ENCANTADA

Tutu-Moringa morava no murundu, uma moita no meio do mato, e no final da tarde saía em busca dos filhos roubados pelos portugueses.

Seres encantados das antigas histórias africanas, os tutus são lembrados por poucas crianças hoje em dia. Misteriosos, travessos e capazes de transformar-se em vários animais, eles surgem do nada e reviram a imaginação de quem os encontra pelo caminho.

Por que vale tanto a pena conhecê-los?

Tutus são seres encantados, deslocam-se em histórias imprevisíveis e deliciosas. Diferente dos enredos com garantia de final feliz, uma história com um tutu pode trazer um temível bicho-papão. Depois do susto, nada impede que esse mesmo personagem vire um amigo divertido e, em seguida, transforme-se em outra criatura ainda, sumindo sem mais nem menos.

Qual é o segredo para encontrar um desses antigos seres encantados?

Ouvir, atentamente, os praticantes da arte da palavra encantada. Contadores de histórias capazes de descrever seres e coisas de modo tão enfeitado que é como se eles se materializassem. Ter coragem de conhecer uma criatura eternamente mutante, numa história emocionante.

Tataravó, a conhecedora das peripécias dos tutus, sabia encher o silêncio com sua voz mágica. Ao desenrolar as lembranças, falar para fascinar ou botar um pouquinho de medo, a senhora querida das crianças resgatava o tesouro perdido nos tempos: a capacidade de abrir a barriga da noite e reviver a sabedoria dos tempos eternos.

Leia as histórias como se estivesse no colo dessa sábia narradora, viaje com suas frases simples e fortes em sua capacidade de abrir os olhos da imaginação. Elas foram recriadas delicadamente pelo texto sonoro e saboroso de Elizabeth Rodrigues da Costa e Gabriela Romeu. Ao término do livro, você talvez sinta vontade de retomá-lo. Pois os tutus já estarão conversando dentro de você, flutuando “nas noites adormecidas”, emprestando à sua sensibilidade uma mistura de graça e espanto. Se um tutu nos habita é sinal de que a infância é sempre o lugar do encantamento, não interessa onde, como ou quando. E se, finalmente, você quiser parar de brincar, não esqueça que tutus obedecem à voz do acalanto. Peça-lhe que vá embora, que adormeça, depois durma também e adentre a terra natal dos tutus: o mundo dos sonhos eternos.

HELOISA PRIETO

A noite já ia escura quando os meninos se juntaram no terreiro, debaixo dos galhos da velha mangueira, para ouvir os causos de Tataravó.

De férias no sítio, o melhor era o momento das rodas de história de botar medo — medo daqueles de molhar a cama.

Os meninos gostavam que Tataravó desenrolasse lembranças guardadas debaixo do lencinho vermelho que usava amarrado na cabeça.

Era ali que, dizia ela, viviam um tanto de recordação e outro bocado de invenção. Desatar o nó do lenço, nunca: as histórias se perderiam no mundo.

De onde vinha Tataravó?

Ninguém sabia ao certo. Andar vagaroso, ela jurava que vivia apostando corrida com o vento que assobiava pelos canaviais. Quando ela se perdia, a coruja é que lhe cantava o caminho. Viajava lonjuras.

